

A RELAÇÃO ENTRE CORPO E MEDO PARA JOVENS DA ESCOLA PÚBLICA: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA

Pollyana das Graças Ramos da Silva¹

Shara Jane Holanda Costa Adad²

Este artigo apresenta uma pesquisa Sociopoética, resultado de um projeto de Iniciação Científica orientado pela Professora Dr^a Shara Jane Holanda Costa Adad que ao fazer parte do Observatório das juventudes e das violências na escola e ter participado das diversas discussões travadas neste espaço, percebeu uma nova dimensão do corpo juvenil frente a estas violências, quais sejam: nas vivências entre as/os jovens na escola pública há a existência de produção do medo. A orientadora, então, intrigou-se com esta problemática e nesta inquietação pensou nos problemas existentes entre o corpo e o medo para jovens dentro do contexto da escola.

Nesse sentido, integrei a equipe como bolsista da pesquisa e a partir deste momento comecei, também, a fazer parte do observatório das juventudes e das violências na escola. As questões que nortearam a pesquisa e que os próprios jovens ajudaram a olhá-las e a problematizá-las, foram: Qual a relação entre o corpo e o medo para jovens e professores na escola? Quais os medos que cada um desses corpos carrega dentro de si? Como estes corpos manifestam os medos que sentem? Como pensar novas maneiras de problematizar a relação entre o corpo e o medo dentro da escola? Como identificar problemas que atravessam e mobilizam estes corpos na sua relação com o medo na escola do século XXI? Diante destas indagações, nosso corpo pôs-se em movimento com o objetivo de privilegiar os jovens dentro de sua lógica, ao possibilitar, com o uso da Sociopoética, a produção de conceitos filosóficos sobre o tema gerador. Nesse sentido, a importância dessa investigação foi conhecermos de perto as idéias e os conceitos dos jovens sobre o corpo na sua relação com o medo.

Mas o que é a Sociopoética? É uma prática filosófica. Ela é uma passagem obrigatória para quem quer transformar as práticas sociais, por paradoxalmente não visar a transformação social e ainda menos a conscientização, e sim o conhecimento do inconsciente, através do descobrimento das Américas (negras, brancas, indígenas e mestiças) do pensamento dos grupos-pesquisadores. Por que uma filosofia? Porque ela: descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; favorece a criação de novos problemas ou de

¹ Graduanda do curso de Licenciatura de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. Bolsista do CNPq. E-mail: pollypop17@hotmail.com

² Cientista Social. Especialista em História do Piauí. Doutora em Educação. Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: shara_pi@hotmail.com

novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador; favorece a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais (GAUTHIER, 2003, p. 12)

Para a realização da pesquisa fizemos 04 oficinas, sendo a primeira de negociação da pesquisa, a segunda de produção dos dados³, a terceira de análise dos dados pelos copesquisadores e a quarta oficina foi a contra-análise⁴.

Acordado a pesquisa com a escola, passamos para a negociação com os jovens que aconteceu na sala de vídeo do colégio. Chegamos com antecedência para organizar a sala, colocamos as cadeiras em círculo e à medida que os jovens chegavam pedíamos para que fossem sentando. Com todos acomodados iniciamos nossa oficina nos apresentando pelos nomes, prosseguindo explicamos a proposta da pesquisa esclarecendo o método da Sociopoética e que eles seriam copesquisadores da pesquisa.

Aceito o convite entregamos para cada jovem uma máscara de papel, folha A4 em branco e pincéis coloridos. Pedimos que colocassem na máscara características marcantes que os representassem e escrevessem na folha seu perfil que contivesse seu nome, idade, local que mora, curso e série que faz no Premen. Feito isto pedimos aos jovens que formassem um círculo e que voluntariamente fossem se apresentando com a máscara. No início, os jovens estavam um pouco envergonhados, mas depois que alguns começaram a se apresentar a vergonha foi dando lugar a alegria e descontração.

Oficina de Produção dos Dados: Técnica Esculturas da Relação Entre o Medo e o Corpo na Escola para Jovens do Ensino Médio

No dia 27 de maio de 2011, chegamos à escola às 13h45minh da tarde. Ornamentamos a sala com colchonetes coloridos dispostos no chão e o som ligado com uma música bem suave para recepcioná-los. À medida que os jovens chegavam íamos pedindo que se sentassem nos colchonetes. Na produção dos dados contamos com a presença de 10 jovens.

Assim, começamos reforçando o tema da pesquisa “**A Relação entre o Medo e o Corpo na Escola**” e explicando a importância da escuta sensível, ou seja, do compromisso de

³ “Na concepção da Sociopoética, os dados que surgem nessa experiência não são ‘coletados’, [...] e sim produzidos pelas condições de realização da pesquisa, nas quais as interferências do pesquisador e suas técnicas são uma implicação inegável.” (PETIT, 2002, p.42-43).

⁴ Neste método, após a produção dos dados, os facilitadores realizam uma análise através dos procedimentos: análise classificatória, momento transversal e momento filosófico. Em seguida os resultados são levados para os copesquisadores para a contra-análise e depois e depois se realiza a análise filosófica e a socialização da pesquisa.

prestar atenção enquanto o outro fala e da necessidade de concentração e respeito na hora das atividades. Prosseguindo, pedimos que ficassem de pé para fazermos um alongamento e o aquecimento ao som de uma musica dançante.

Posteriormente iniciamos o relaxamento, conduzimos e deitamos-los nos colchonetes, pois continuavam vendados. Orientamos que seguissem os seguintes passos: realizar movimentos com o corpo, esfregando-o de um lado e de outro no chão imaginando que o chão está cheio de tintas coloridas. Assim você vai acomodando seu corpo no chão; Você se retorce, pintando seu corpo com as tintas; Depois você rola no chão; Em seguida você coloca seu corpo em X e expande para cima e para baixo; Por fim, você vai dobrando seu corpo, juntando suas pernas ao corpo, de modo que você vai se encolhendo ficando em posição fetal.

Depois do relaxamento, sentados no chão, os copesquisadores foram colocados em dupla para fazerem o **Balé das Mãos**. Após o balé, pedimos que ficassem de frente para o centro onde estava a argila para poderem começar com a produção da escultura do medo. Nesse momento foram pedidos certos comandos como: Que pegassem e sentissem a argila; Fazer uma bola; Colocá-la em pedaços, despedaçando-a; Depois juntar tudo para formar um objeto, a escultura do medo, fazendo a relação entre a escultura do medo com o corpo.

Em momento seguinte, tiramos as vendas dos olhos dos jovens e pedimos que dessem um nome para sua escultura, depois de nomeadas cada copesquisador voluntariamente foi falando de sua escultura do medo fazendo a relação com o corpo. Nesse momento, foi feito alguns questionamento aos jovens, quais sejam: Por que você escolheu esse nome para sua escultura? Qual a relação que você faz com a escultura do medo com o corpo? O que sentiram ao realizar as vivências?

Após os relatos dos copesquisadores sobre suas produções, passamos para o momento de avaliação. Entregamos a eles papeis e pincéis para desenharem e/ou escreverem o que acharam da oficina. E para encerrar a oficina, dançamos uma linda ciranda que foi um momento de pura alegria.

Dias depois nós (facilitadores) iniciamos a análise dos dados dos relatos orais. Para os procedimentos da análise classificatória dos relatos orais de cada escultura do medo produzida na oficina, selecionamos as frases com cores diferentes aquilo que tem haver com o pensamento do grupo no sentido de categorizar as idéias que se repetem para além do tema em questão. Nesta técnica selecionamos as seguintes categorias: significado do nome da escultura; relação entre o corpo e o medo; sentimento dos copesquisadores nas vivências; conceitos de medo; efeitos do medo; medo dos jovens.

A partir do agrupamento de ideias nas categorias encontradas, fizemos um cruzamento dessas ideias e estabelecemos relações de ambiguidades, divergência, convergências e opostas entre elas. Em seguida fizemos os estudos transversais – uma não análise – destacando as relações entre as ideias resultantes da análise classificatória. Foi assim que transversalizamos os sentidos de cada categoria, buscando o pensamento do grupo sobre o tema **a relação entre corpo e medo**. Neste caso o resultado deste olhar oblíquo se apresenta nos sentidos heterogêneos e múltiplos expressos no conto intitulado: **O dia em que os jovens filosofaram sobre o tema “a relação entre o corpo e o medo na escola”**.

Após a preparação do texto literário para o momento da contra-análise voltamos a nos encontrar no dia 22 de junho para submeter esta análise ao crivo de sua avaliação, bem como fazer perguntas de esclarecimento. Para este momento levamos cópias do Conto. Ao chegarmos preparamos a sala com as cadeiras em círculo e colocamos uma música suave para receber os participantes. Contamos com a presença de 09 co-pesquisadores. Ritualisticamente, fizemos um breve relaxamento, e em seguida permanecendo em círculo, sentados nas carteiras, distribuimos os textos que produzimos, problematizamos algumas ideias que para nós não ficaram claras que evidenciavam questões importantes sobre o tema. O envolvimento dos jovens eram explícitos na medida que ouviam atentamente e respondiam as questões.

Momento filosófico: as linhas do pensamento dos jovens sobre a relação entre o corpo e medo

Este momento pretende ser um espaço onde possa ocorrer a produção de sentidos, de acontecimentos ou de conceitos, e ao mesmo tempo, produção de subjetividade: pensar e ser são uma só e a mesma coisa. E como o conceito é um acontecimento, não pode existir sem ser perpassado de afetos que não são emoções individuais, nem sentimentos, mas intensidades que percorrem os corpos. Por isso, a Sociopoética se utiliza do neologismo “confeto”, mistura de conceito e afeto, para mostrar que na atividade do grupo pesquisador os afetos não só existem, como são o próprio motor da criação. Desse modo, tais confetos e metáforas surgiram de momentos de problematização e criação dos co-pesquisadores, em torno do tema gerador em quatro linhas ou dimensões do seu pensamento, quais sejam: A relação entre o corpo e o medo dos estranhos; O corpo do jovem com a família e sua relação com o medo; Memória e esquecimento do corpo na relação com o medo; O corpo dos (as) jovens e o medo das drogas e da violência. Entretanto, para este artigo, detenho-me apenas nas linhas O corpo

do jovem com a família e sua relação com o medo e o corpo dos (as) jovens e o medo das drogas e da violência.

A linha **corpo do jovem com a família e sua relação com o medo** realça as questões ligadas aos conflitos vividos com a família e que influencia na escola e em outros lugares de sociabilidade, pois o jovem carrega no corpo os problemas que vivem em casa. Esta problemática está presente no seguinte relato:

-Lá em casa é meu pai, meu pai não gosta de mim nenhum pingo. Quando eu saio de casa dizendo que vou pra igreja ele diz: Eu tenho certeza que tu não vai pra igreja. Aí ele fica dizendo que eu vou vagabundar no meio da rua e fica dizendo que vai pra igreja. Mas nem por isso eu saio de casa com raiva, pra mim entra em um ouvido e sai no outro, eu não estou nem aí. Às vezes eu vou pra casa da minha avó, passo quase um mês na casa da minha avó sem ir pra casa dele, porque eu fico magoada com o que ele falou por ficar me julgando sem saber. Ele diz que eu entrei nesse grupo só pra ter motivo pra sair de casa e ele fala tanto, mas não tem a coragem de chegar ao grupo e saber realmente se eu faço parte. Às vezes ele chega em casa falando aí eu saí de casa com raiva, tem dias que eu saí de casa onze horas e venho pra escola porque não aguento ficar em casa e fico em quase todas as aulas triste só pensando no que ele ta falando e julgando sem saber.

A jovem de início afirma que não está nem aí para as coisas que o pai diz, mas na verdade se contradiz logo depois, dizendo que fica magoada e que às vezes sai de casa com raiva e vai pra casa da avó ou então vai mais cedo para escola e acaba levando o problema para dentro da sala de aula, ficando triste só pensando no que o pai pode estar julgando sem saber. Além da casa da avó e da escola a jovem encontra refúgio em outro lugar, para muitos é um ambiente que causa terror e medo, porém é onde a copesquisadora se sente tranquila como podemos perceber em seu relato:

- Quando ele briga comigo eu vou lá para o cemitério, passo a manhã todinha sentada lá. Minha mãe às vezes me diz que eu sou doída. Às vezes eu saio de casa com um livro aí minha avó pergunta pra onde eu vou aí digo que vou procurar um lugar mais sossegado pra ler esse livro aí eu vou para o cemitério, sento na cova do meu avô, dos meus amigos, passo a manhã toda. Teve uma vez que eu saí de casa triste com raiva aí o pessoal rodou atrás de mim, aí teve uma prima minha que sabia dessas minhas loucuras aí ela disse que sabia onde eu estava então foram atrás de mim no cemitério e eu estava lá deitada dormindo. É muito difícil eu ficar em casa eu vou mais pra lá, o vigia até me conhece e ele também às vezes me acalma.

Com isso uma copesquisadora continuou a problematizar sobre os conflitos com os pais dizendo o que deve ser feito diante das brigas. Assim ela disse:

- Então eu ti digo uma coisa quando a gente tá em grupo de igreja que nos entregamos a fazer alguma coisa para os outros é muito importante, eu vi muitos casos nos grupos de jovens de pessoas assim que tem os pais bem afastados, e eu acho tão bonito porque eles rezam por seus pais, então reze por eles também, eu sei que às vezes eles podem falar coisas que te magoem, e isso vai te prejudicando então quando você sair de casa reze faça o sinal da cruz deixe seus problemas lá na sua casa, esqueça eles, lê um livro, canta.

Entretanto, outra pesquisadora relata que:

-O meu pai não adianta ir para igreja assistir a missa porque quando ele vai volta o mesmo, vem já brigando. Antes de ontem nos estávamos todos dentro de casa ele simplesmente dormiu quando acordou já foi com um espírito ruim nele já foi brigando com minha mãe olhando com a cara ruim pra mim, brigou comigo me chamou de porra. Mas quando eu fui marcar o encaminhamento pra mim e para meu filho ai ele pediu: - “Marca pra mim o encaminhamento.” E a mamãe respondeu: - “É a porra que vai marcar esse teu encaminhamento.” Ai eu falei assim: - Olha pai tudo o que o senhor fala pra mim eu nem ligo, no dia em que eu me formar eu vou ser a primeira a ajudar o senhor. A minha mãe me ensina a não brigar com ele a não escutar, não ligar pelo o que ele fala, porque no dia que eu tiver formada e tiver meu emprego ele vai ver quem é a filha dele pra mim chamar de porra.

A partir destas idéias podemos perceber que muitos dos jovens não têm apoio da família⁵ e que não existem apenas um sentimento ou mesmo um comportamento único em relação a esta instituição, indo desde o medo, o rancor e a mágoa até relacionamentos amigáveis e de confiança. Dessa forma a discussão foi realçada ao falarmos da relação entre o corpo e o **Medo-Desânimo**, pois os jovens muitas vezes não sabem o que querem da vida, se envolvem com coisas ruins e não tem o apoio dos pais. A partir disso os jovens falaram a quem recorrem quando não têm a ajuda dos pais na solução dos seus medos. Eles explicaram:

- Recorremos aos amigos mais próximos.
- Lá em casa mesmo meu pai não sabe nada de mim, não sabe nada do que estou fazendo ou o que eu passo. Se ele me ver triste o problema é meu ele não faz nada ele nem chega pra perguntar: - “O que você tem doída?” Nem isso ele fala, ele passa olha e sai ai as únicas pessoas que a gente tem pra recorrer são os amigos e às vezes é ninguém, quando eu estou triste eu saí de casa e vou para o cemitério e converso, desabafo pra ninguém. E às vezes eu escrevo música e alguns poemas.

Nestes relatos os sujeitos da pesquisa demonstram que precisam do apoio de alguém para solução dos seus medos, então recorrem aos amigos. Importante ressaltar também que os jovens vivem em constante conflito, como podemos perceber em seus relatos ao falarem de serem pessimistas e otimistas ao mesmo tempo:

- São as dúvidas que nos jovens temos, a gente vive em um mundo de dúvidas na maioria das vezes.

Assim, para podermos compreender sobre a dimensão da juventude entendo que esta é

[...] ritmada pela sucessão de uma série de ritos de saída e de entrada que dão a imagem de um processo de consolidação por etapas, o qual garante uma progressiva

⁵ Bauman em sua obra “Amor líquido” que, no mundo contemporâneo, há uma crescente e ameaçadora perda de capacidade para amar não apenas nossos familiares, companheiros e amigos, mas também para amar o próximo, os estranhos, os outros que cruzam nossas vidas. (COSTA, 2009, p.66).

definição dos papéis da idade adulta. Assim, no plano individual, a juventude deve ser considerada uma fase crucial para a formação e a transformação de cada um, quer se trate da maturação do corpo e do espírito, que no que diz respeito às escolhas decisivas que preludivam a inserção definitiva na vida da comunidade. Deste ponto de vista, a juventude é efetivamente o momento das tentativas sem futuro, das vocações ardentes, mas mutáveis, da “busca” (a do cavaleiro medieval) e das aprendizagens (profissionais, militares, eróticas) incertas, sempre marcadas por uma alternância de êxitos e fracassos. A investidura do jovem cavaleiro, a noviça que toma o véu, o alistamento do futuro soldado, os ritos goliardescos da universidade são momentos cruciais, efêmeros carregados de fragilidade. São momento de crise, individual e coletiva, mas também de compromisso entusiástico [...]. (LEVI, SCHMITT, 1996, p.11-12).

O corpo dos(as) jovens e o medo das drogas e da violência é a outra linha que destaco porque constitui o pensamento do grupo de jovens sobre o medo do mundo das drogas e da violência. A partir do conceito **Medo-Morte**, eles problematizam o lugar onde o jovem mora, pois é muito perigoso e violento e diante deste medo deve-se ter cuidado porque não se sabe do dia de amanhã. Na contra-análise os copesquisadores discutiram sobre que tipos de cuidados se deve ter diante do medo-morte:

- Quem assistiu o jornal ontem viu o que teve lá [no bairro], a violência, deram três tiros na pessoa que tinha uma boca de fumo e vendia craque.
- O que dá pra fazer mesmo naquele bairro lá é só ficar em casa isolado, porque se ficar fora é perigoso.

Os jovens relatam que diante do **medo-morte** é preciso ter cuidado se afastando das más companhias e do mundo das drogas. Este medo citado pelos jovens é um medo⁶ que despotencializa o corpo do jovem fazendo com que não se sinta parte do bairro em que mora. Como ele diz: “O que dá pra fazer mesmo naquele bairro lá é só ficar em casa, isolado, porque se ficar fora é perigoso”. Neste caso, o jovem mora, mas não habita o bairro – não faz usos de suas praças, logradouros e outros espaços públicos. Esta é uma problemática que deve ser alvo de intervenções públicas, pois neste caso o jovem vive, mas isso não é suficiente. Não basta estar vivo, é preciso perceber as formas de vida.

Nesse sentido

É preciso entender a vida para além de seu aspecto homogeneizante. Não basta dizer que quem respira está vivo. É preciso se perguntar sobre que forma de vida se vive. É tudo isto parece ser característica do nosso mundo ocidental moderno que massificou a vida a apenas uma forma de viver, ou seja, reduziu a vida ao consumo e a nossa capacidade de consumir. Parece que é possível comprar todos os desejos. Parece que não precisamos criar mais nada, porque podemos comprar tudo pronto. Não precisamos nem usar mais as palavras para dizer o que sentimos, basta comprar

⁶ Delumeau (1989) nos diz que o medo do ser humano é múltiplo, variado, pois ganha diversas formas e tipos, fazendo sentir imensas sensações em frações de segundos. Com isso o medo é visto de forma complexa, pois cultural.

as palavras, porque do modo como estão parece que podem exprimir o que sentimos melhor do que nós. Há um grande buraco no meio das pessoas que lhes abafa a fala e absorve as vozes que vêm dos outros. Vivemos numa vida pobre, esvaziada de sentidos, porque reduzida ao nosso Eu narcísico, etnocêntrico. A pessoa “bem de vida” é aquela que tem bens, que pode comprar, que se adequou ao modelo de vida que é dado, ao que está pronto! (ADAD, 2011. p. 219)

Portanto, as condições de vida dos jovens devem ser revista pelas autoridades a fim de ajudarem através de políticas públicas para que se sintam seguros e participantes do bairro em que moram. Entretanto é importante entender que

De forma geral, as instituições e as políticas públicas envolvidas nessa questão visam dirimir, ou pelo menos diminuir as dificuldades de “integração social” dos jovens em programas de “ressocialização”, de capacitação profissional e de encaminhamento para o mercado de trabalho. Observa-se, com frequência que, apesar das boas intenções contidas nos programas, o que se busca é uma contenção real do risco ou potencial desses meninos. Normalmente a transgressão é associada à ociosidade - ao vazio – pela ausência do trabalho. Tem-se em mente que os próprios jovens são os problemas sociais sobre os quais é necessário intervir, para “salvá-los” e “integrá-los” à ordem social. São vistos sob a lógica do sistema e das instituições, como atores que operam à margem deles ou contra os mesmos: jamais por sua própria lógica. (ADAD, 2011. p.220)

Frente a esta discussão, outra copesquisadora complementa chamando a atenção para o que ocorre neste bairro:

[...] lá é um morro, aí embaixo é uma gangue e em cima do morro é outra e se alguém da gangue de baixo subir sozinho já era, eles matam mesmo na hora e se o de cima descer também acontece do mesmo jeito eles matam, tem que andar o grupo todo junto e armado aí dá pra descer ou subir. Minha amiga contou que uma vez quando foi para o *reggae* às amigas dela estavam em cima do morro esperando ela subir, mas ela não foi porque ela tava com medo de subir e os caras pensar que ela era de baixo e morrer. Então ela ficou em baixo esperando o ônibus, mas não subiu.

Nesse sentido:

A violência é a última coisa que se pode fazer para dizer que se existe no mundo. O melhor é que não se precise usar da violência e que a palavra pudesse valer para fazer acordos, ter direitos, se sentir parte do lugar em que se vive. A violência é pura ação, ela quebra, fura, atira, rouba e mata. Ela é calada, não diz nada. (DIÓGENES, 1998, p. 60).

Desse modo, o medo da violência e das drogas deixa o corpo do jovem despotencializado, ao ficar paralisado e preso dentro de casa. Pois a qualquer momento o jovem pode se tornar uma vítima e morrer ou até mesmo se entregar para o mundo da criminalidade.

No Brasil, dentre os grupos mais atingidos pelo fenômeno da violência, destacam-se, infelizmente, os grupos de jovens e seus espaços de socialização, dentre estes, o universo escolar. Com efeito, a violência não somente vitima os jovens na rua, na

favela, na periferia ou no trânsito. Ela Persegue os jovens aonde vão e torna-se cada vez mais presente [...]. (MACEDO; RODRIGUES; SANTOS, 2010, p. 330).

Os jovens ainda discutiram e afirmaram que diante **Medo-Morte** sentem medo dos mundos das drogas e da violência. Através dos relatos dos jovens abaixo, pude perceber que a violência e o mundo das drogas metem medo nos jovens e é uma problemática que os rodeia dentro da família ou entre os colegas e vizinhos. Sobre isso uma copesquisadora disse:

-Tenho [medo] sim! Na minha família mesmo tem um caso, a minha avó criava um casal de irmãos e um deles foi para o mundo das drogas e até hoje ele é usuário de drogas e já ameaçou o meu irmão de morte e minha irmã deixou de andar na casa da minha avó por causa disso. Hoje em dia nós tentamos lhe dar da melhor forma possível com essa situação e nem por isso o resto da família é igual a ele e a melhor coisa que a gente deve saber é com quem a gente anda, não é preciso você excluir aquela pessoa da sua vida do seu mundo social porque ela não “presta”, converse com ela, mas não se torne igual a ela, na minha sala inclusive tem várias pessoas que usam drogas, mas nem por isso quando ela vem falar comigo eu viro as costas e saio, eu falo porque eu tenho educação, minha mãe me ensinou a ter educação se uma pessoa fala com você fale com ela. Mas se aquela pessoa não é uma boa influência pra você, ela pode levar você ir pelo mesmo caminho dela, é separar as coisas, escolher as amizades certas que você tem que seguir.

Assim, essas ideias nos mostram que precisamos pensar e agir sobre a problemática das drogas, pois elas estão invadindo e destruindo a vida dos jovens e de suas famílias. Penso que uma das alternativas seria levar e discutir dentro da escola o tema das drogas, tentando prevenir o primeiro contato. Pois depois do primeiro contato a pessoa já se torna um dependente químico principalmente se a droga for, por exemplo, o craque. Sendo assim, somente com um tratamento em clínicas especializadas para conseguir sair do vício. E é importante ressaltar que infelizmente em muitos Estados do Brasil ainda não existem clínicas gratuitas para o tratamento do dependente em drogas, ou quando existe é somente para o sexo masculino, como é o caso do Estado do Piauí. Portanto é inadiável que as autoridades competentes se sensibilizem com esta situação e tome atitudes cabíveis para resolver ou no mínimo amenizar o sofrimento destas famílias que vivem diariamente com este problema, pois as drogas violentam e destroem o corpo do jovem.

Conclusões: entrelaçando os nós da pesquisa

Ao chegar à etapa final do processo de pesquisa, fui levada a me questionar com relação ao alcance dos objetivos iniciais que eram analisar os conceitos produzidos por jovens sobre a relação entre o corpo e o medo da Escola Técnica Estadual Prefeito João Mendes Olímpio Melo – Preme-Norte ao possibilitar, com o uso da Sociopoética, a produção de conceitos filosóficos sobre o tema gerador, inclusive democratizando os saberes. Portanto, o

resultado deste percurso traz a cartografia de algumas possibilidades de produção de conceitos sobre a relação entre o corpo e o medo, a partir da identificação das problemáticas dos jovens, suas formas de pensar e de reinventar este tema.

Assim, os principais achados através da pesquisa Sociopoética foram à ideias dos co-pesquisadores em relação ao tema, problematizando-o nas seguintes linhas ou dimensões: **O corpo do jovem com a família e sua relação com o medo** realça as questões ligadas aos conflitos vividos com a família. Os jovens problematizam esta linha através do conceito **[medo] frustração** “[que é] a falta [que] um pai faz para um filho, [e que] nunca é a mesma coisa de tá fazendo o papel de pai que é ficar ao lado do filho” os jovens demonstraram também que sentem muita dificuldade de conviver com os pais e que quase não dialogam entre si.

O corpo dos(as) jovens e o medo das drogas e da violência traz o conceito do **medo-morte** que é o lugar onde o jovem mora. Aqui os jovens demonstram que tem muito medo da violência e do mundo das drogas, pois está muito presente no cotidiano de suas vidas. Dizem ainda que para fugir da violência e das drogas eles se afastam das más companhias e ficam isolados dentro de casa.

Portanto pudemos observar nas linhas que os jovens não têm espaço para poder falar, ou seja, ser ouvido, tanto pelos familiares quanto no bairro em que mora. Pois, a família não procura participar da vida do jovem procurando entender suas mudanças de comportamentos. E o poder público não interfere dentro dos bairros com políticas públicas para poder dar espaço aos jovens para atuarem em prol de benefícios para o bairro assim, sentindo-se parte de onde mora. Deste modo, por consequência, os jovens ficam incapazes de mostrar suas potencialidades e acabam ficando vulneráveis a violência e ao mundo das drogas. Nesse sentido digo que é preciso levar a arte para a vida dos jovens para que eles sintam importantes dentro da sociedade. Assim, recito o poema da bailarina Vera Mantero:

Necessitamos das artes para não morrermos, as artes falam conosco, as artes dizem-nos coisas, não se calam, não se calam, não nos deixam no silêncio, não nos deixam no silêncio em que se morre de tédio... [por isso] [...] é preciso sair do porta-moedas e entrar na associação [...] na acoplagem, acoplagem de sentidos ao nosso corpo, [...] é preciso entrar na transformação, é preciso entrar no êxtase, na contemplação, na calma, nos sentidos do corpo, na poesia, [...] no despreendimento, na queda, é preciso tirar os sapatos, é preciso deitarmo-nos no chão, é preciso entrarmos na imaginação, nas histórias, no pensamento, nas palavras [...] na relação com os outros. Nós precisamos muito disto, [...] e estamos a ter muito pouco disto e é por isso que [...] as vezes estamos muito tristes ou temos a sensação de que a vida desapareceu de cá de dentro. (MANTERO apud PELBART, 2000, p. 24).

Importante ressaltar que, durante o processo, percebi a importância do relaxamento para a produção destes dados, tendo em vista que ao fazer uso deste ritual as co-pesquisadoras usaram a imaginação e produziram suas ideias e confetos porque baixaram o seu nível de consciência e se entregaram a pesquisa, usando a intuição, a espiritualidade, a criatividade de seus cinco sentidos, de seu corpo todo. Interessante salientar que este recurso pode ser utilizado tanto na pesquisa quanto em espaços pedagógicos como a sala de aula.

Nesse sentido, a importância dessa investigação foi possibilitar o aflorar dos problemas que mobilizavam os jovens acerca da relação entre corpo e medo, facilitando a produção de outros e/ou novos conceitos sobre o referido tema. Além disso, permitiu conhecermos de perto as ideias e os conceitos destes jovens sobre a relação do corpo e medo possibilitando, assim, aos sujeitos que trabalham com juventude e a relação do corpo com o medo (sociólogos, psicólogos, educadores, assistentes sociais, entre outros) um conhecimento mais aproximado e atuante junto aos jovens com os quais convivem e atuam.

REFERÊNCIAS

- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Juventudes, Cultura de Paz e Sociopoética: abraçando a vida como obra de arte. VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula et al. (orgs). de. *Cultura, Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *Sociopoetizando o corpo: conceitos filosóficos produzidos pelas crianças e adolescentes da casa de zabelê*. (relatório final) Teresina: Criança Esperança, 2009.
- COSTA, Marisa Vorraber. Zygmunt Bauman: Compreender a vida na modernidade líquida. In: *Revista Educação Autores e tendências*. V.1. Editora Segmento, 2009.
- DELUMEAU, Jean. Introdução: o historiador em busca do medo. In: *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da cultura e desporto, 1998.
- GAUTHIER, Jacques. *Notícias do rodapé do nascimento da sociopoética*. Mimeografado, 2003.
- LEVI, Giovanni. SCHMITT, Claude (org). *Introdução*. In: História dos Jovens. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-311.
- MACEDO, Rosa Maria de Almeida. RODRIGUEZ, Gustavo Covarrubias. SANTOS, Raimundo Nonato Rocha dos. Juventudes, violências e conflitos na escola: do conhecimento qualificado à intervenção eficaz. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. GOMES, Ana Beatriz Sousa. MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. SANTOS, Ana Célia de Sousa (orgs.). *Educação e Diversidade Cultural*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- PELBART, Peter Pal. Direitos humanos e cyberzumbis. In: *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. SP: Iluminuras, 2000.

PETIT, Sandra H. *Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa*. In: Registro da Pesquisa em Educação. Fortaleza: LCR – UFC, 2002.